

Ciclo de Seminários *NOVAS PERSPECTIVAS EM HISTÓRIA MODERNA*
Sessão de **28 de Outubro de 2010**, às 18:00
Local: ISCTE*IUL, edifício central, Auditório 1

Jean-Frédéric Schaub*

Histórias imperiais e coloniais em tempo de história global

Resumo

Qualquer debate sobre metodologia histórica deve ser equacionado na sua relação com as condições concretas de desenvolvimento do mundo académico. O desejo de ultrapassar as fronteiras da investigação local (o que inclui, naturalmente, a história nacional) pode não passar de uma “boa intenção” se não se criarem as possibilidades editoriais, pedagógicas e infra-estruturais para o fazer.

No plano editorial a situação está marcada por um desequilíbrio mundial em favor da língua inglesa. Quantos livros de referência sobre a China Ming ou a Revolução Russa, sobre o Islão mediterrânico ou a revolução da Internet, existem em português, alemão, espanhol, francês ou italiano?

Um programa de história global ou mundial deve ser obra colectiva ou empresa pessoal? Fernand Braudel dizia que demorava vinte anos para escrever um livro que valesse a pena. Será, então, que a única via para construir uma historiografia ambiciosa é através de equipas de investigação? Será verdade, nesse caso, que os livros colectivos terão um peso maior no futuro dos debates historiográficos? Fica por ver, caso por caso.

No plano pedagógico, o desejo de formar as novas gerações numa perspectiva global requer um investimento maciço no ensino das línguas, não só as europeias, mas também as asiáticas e africanas. Os jovens investigadores não deveriam limitar a sua curiosidade histórica apenas à expansão dos Europeus fora da Europa.

O desenvolvimento de histórias de impérios pode constituir o projecto mais avançado de crítica do paradigma do estado nacional, mas também a memória mais retrógrada da nossa presença no horizonte mundial... do passado! A mesma coisa pode ser dita sobre o futuro dos estudos sobre as sociedades coloniais. São fulcrais para rever a epopeia da nação contemporânea na Europa. Mas não se podem substituir ao conhecimento interno das sociedades que foram colonizadas, e não se pode admitir *a priori* que os episódios coloniais sejam radicalmente específicos a longo prazo.

* Professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris) e Investigador Associado do CHAM-UNL. Doutorado em História (1996), tem sido professor ou investigador visitante em Madrid, Oxford, Yale e Tóquio. Publicou ou dirigiu, entre outros, os livros: *L'Europe a-t-elle une histoire?* (2008); *Oroonoko, prince et esclave: roman colonial de l'incertitude*, (2008); *La France espagnole: les racines hispaniques de l'absolutisme français* (2003); *Portugal na Monarquia Hispânica 1580-1640* (2001); *Le Portugal au temps du comte-duc d'Olivares, 1621-1640* (2001). Tem no prelo *L'île aux mariés : les Açores dans la Monarchie Hispanique* (2011).